

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTA
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

ADRIANA FANTIN

**EDUCAÇÃO INTEGRAL NO COLÉGIO ANCHIETA:
UM NOVO SUJEITO PARA NOVOS TEMPOS**

São Leopoldo
2018
ADRIANA FANTIN

**EDUCAÇÃO INTEGRAL NO COLÉGIO ANCHIETA:
UM NOVO SUJEITO PARA NOVOS TEMPOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Aprendizagem da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Ms. Dário Schneider

São Leopoldo
2018

“O objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana”.

- Características da Educação da Companhia de Jesus

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, nascida a partir da Especialização em Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Aprendizagem da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Com o foco na Educação Integral, missão importante do Colégio Anchieta e à luz da teoria de autores como Edgar Morin e Phillip Perrenoud, entre outros, busca constatar o quanto a Educação Integral dentro da Pedagogia Inaciana se faz necessária na sociedade atual. O objetivo fundamental deste estudo é trazer para a contemporaneidade os documentos da Companhia de Jesus, bem como os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola como uma contribuição à Educação Integral dos alunos do Colégio. Outrossim, busca também mostrar que ao longo da história dos jesuítas, o perfil de um aluno com formação integral sempre foi seu foco. No entendimento de Santo Inácio, uma formação na qual os alunos pudessem ser “homens e mulheres para os demais”. A partir de uma interlocução com os autores citados, o trabalho visa estabelecer uma reflexão sobre o tema “Educação Integral no Colégio Anchieta: um novo sujeito para novos tempos”, tendo como objetivos compreender o sentido da Pedagogia Inaciana; verificar a relação existente entre a Pedagogia Inaciana e os desafios na contemporaneidade e definir o perfil necessário ao educador inaciano na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação Integral. Colégio Anchieta. Educadores inacianos. Contemporaneidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Paradigma Pedagógico Inaciano.....	14
Figura 2 – Resumo Paradigma Pedagógico Inaciano	15
Figura 3 – Formação Integral do aluno	19

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA.....	7
2 A PEDAGOGIA INACIANA	10
2.1 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS	10
2.2 A RATIO STUDIORUM.....	11
2.3 SANTO INÁCIO, OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS COLÉGIOS DA COMPANHIA.....	12
2.4 A PESSOA COMPETENTE, CONSCIENTE, COMPASSIVA E COMPROMETIDA	16
3 A PEDAGOGIA JESUÍTA E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	211
3.1 INJUSTIÇA E DESIGUALDADE SOCIAL.....	211
3.2 OS DESAFIOS DA PEDAGOGIA JESUÍTA HOJE	244
3.3 A COMPANHIA DE JESUS E A PROPOSTA DA MUDANÇA PEDAGÓGICA	25
4 FORMAÇÃO INTEGRAL NA CONTEMPORANEIDADE	31
4.1 A INFLUÊNCIA DE PESQUISADORES DA ATUALIDADE: EDGAR MORIN E PHILLIP PERRENOUD.....	31
4.2 A FORMAÇÃO DO EDUCANDO NO COLÉGIO ANCHIETA	34
4.3. O PAPEL E A MISSÃO DO EDUCADOR	36
5 METODOLOGIA	40
6 CONCLUSÕES	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 JUSTIFICATIVA

Quando se fala em educação, normalmente a imagem que nos vem à cabeça é a dos alunos que devemos ensinar, das metodologias que devemos aplicar e uma enormidade de recursos que poderíamos listar agora, como de extrema importância para que a educação se dê de forma eficiente. O foco do trabalho escolar, sem dúvida alguma, é o aluno como protagonista de sua formação enquanto sujeito da contemporaneidade,

Nascimento (2009), em seu artigo *Processos cognitivos como elementos fundamentais para uma educação crítica*, aborda a importância da construção do conhecimento do aluno como elemento primordial para sua formação como cidadão:

Contudo, importa que essa inserção social, essa formação, se dê de maneira reflexiva e crítica, de modo a tornar o conhecimento escolar capaz de dar sentido ao mundo e de propiciar elementos significativos para a vida do aluno, de maneira que esse conhecimento seja fundamento para uma visão renovadora de realidade, e também da produção desse conhecimento. Um conhecimento escolar construído na base da compreensão e da reflexão propicia uma formação crítica que possibilita ao aluno o uso consciente e menos doutrinado do conhecimento para agir de maneira transformadora sobre a realidade. (NASCIMENTO, 2009, p. 267).

Nas palavras do autor e, na perspectiva da Educação Integral, buscamos, a partir deste estudo, tecer algumas considerações que possam nortear o trabalho dos professores do Colégio Anchieta, à luz do Projeto Educativo Comum (PEC), buscando uma aproximação daquilo que se tem por ideal com aquilo que pode ser realizado, com a finalidade de trabalharmos na formação de pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas consigo mesmas, com o meio ambiente e com os outros.

Há 14 anos, faço parte do Colégio Anchieta, escola conceituada de Porto Alegre e que pertence à Rede Jesuíta de Educação (RJE). Ao ingressar no Colégio, ofertaram-me, assim como a todos os professores que ingressavam na rede, dois pequenos documentos, carinhosamente apelidados, nas salas dos professores, de “livrinho laranja” e “livrinho verde”: *Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana, uma proposta prática*. Esses documentos colaboraram enormemente para que eu entendesse o funcionamento de um colégio da RJE, cuja

história remonta a um passado distante e muito significativo na figura de Santo Inácio de Loyola e a sua experiência fundante: os Exercícios Espirituais¹.

Com o passar dos anos, pude estudar mais sobre a *Ratio Studiorum*², visitar as Ruínas de São Miguel e entender cada vez mais a importância da tradição educativa dos jesuítas na história do Brasil e do mundo.

E, hoje, podemos contar também com um importante documento, o PEC, cuja capa já nos convida à reflexão: “Que nova vida é esta que agora começamos? ”, convidando os colégios da Companhia a trilhar um caminho novo de renovação, “pressupondo o aluno como centro do processo de aprendizagem [...] para que o conhecimento seja constituído de diversas formas, individual e coletivamente”. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 46).

Diante de nós, educadores, uma missão grandiosa: a formação desse sujeito social, com suas peculiaridades próprias, seu modo de ser e de agir, sua vocação, sua missão. E para que sua atuação social seja repleta de significado, sua vida escolar também precisa, portanto, contar com uma educação integral centrada nos alicerces das dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. Há uma identidade, um pertencimento e um sentimento vinculados à experiência que devem ser estudados, amadurecidos e entendidos pelos profissionais que atuam na Rede Jesuíta por meio dessas dimensões.

Nesse contexto, a assembleia dos jesuítas reafirmava a importância de se prosseguir o apostolado educativo em instituições escolares, um dos principais trabalhos da Ordem, não obstante certas vozes internas discordantes, admitindo que ele poderia ser exercido de outras maneiras. Seguindo a finalidade primordial da pedagogia jesuítica, “virtude e letras” ou “fé e ciência”, o trabalho educativo visa fazer dos cristãos homens cultos e comprometidos com o apostolado moderno e propiciar aos não-cristãos, por meio de uma formação humana integral, a orientação para o bem comum e o conhecimento e o amor de Deus ou, pelo menos, dos valores morais e religiosos. (KLEIN apud NEGRÃO, 2000).

¹ Os *Exercícios Espirituais* constituem um processo, uma metodologia para uma experiência espiritual que tem como ferramenta principal a oração, e como meta o discernimento. Essa experiência deve ser vivida no núcleo mais íntimo de cada pessoa, sua afetividade.

² A *Ratio Studiorum* (pronuncia-se **rácio**) surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão em sua totalidade missionária. Constituiu-se numa sistematização da pedagogia jesuítica, contendo 467 regras e cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino. Recomendava que o professor nunca se afastasse do estilo filosófico de Aristóteles, e da teologia de Santo Tomás de Aquino.

Como traduzir no trabalho desenvolvido hoje dentro do Colégio a formação integral? Como o Anchieta percebe sua prática diante de tanta diversidade: cultural, étnica, social, inclusiva? Como trazer os valores mais nobres e atemporais, enfatizados em um documento escrito no século XVI, a *Ratio Studiorum*, para as situações presentes?

Este trabalho tem essa intenção. Trazer para o presente, práticas e fundamentação teórica que traduzem o espírito dos *Exercícios Espirituais* e do Carisma Inaciano e que se constituem como modelo pedagógico dos colégios da Companhia de Jesus que, mesmo com o passar dos séculos, permanece atualizado e aponta a necessidade de uma educação não só de qualidade, mas de compromisso com as demandas da sociedade contemporânea.

Nesta perspectiva, busco, a partir deste estudo, tecer algumas considerações que possam dar luz ao trabalho que desenvolvemos no Colégio Anchieta.

Para este estudo, pretendo desenvolver a metodologia da pesquisa bibliográfica, buscando na interlocução com os autores algumas respostas, em uma reflexão sobre o tema *Educação Integral no Colégio Anchieta: um novo sujeito para novos tempos*.

Serão objetivos da pesquisa compreender o sentido da Pedagogia Inaciana; apontar os desafios da Pedagogia Inaciana na sociedade contemporânea; e estabelecer a relação possível entre a Educação Integral, a Pedagogia Inaciana e os 4 C's.

2 A PEDAGOGIA INACIANA

2.1 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Em 2007, o Centro Virtual da Pedagogia Inaciana (CVPI) foi constituído pela Conferência de Províncias da Companhia de Jesus da América Latina (CPAL) como um serviço público que faz parte do setor da Educação. Seu núcleo consiste em uma Biblioteca Digital com documentos de texto completo, resumos analíticos e referências a fontes bibliográficas, vídeos e outros recursos selecionados para apoiar os colégios pertencentes às Províncias da Companhia, nos processos de formação da pessoa, na investigação acadêmica e na elaboração de projetos. Tem a pretensão de responder às necessidades de apoiar e promover a produção teórica nas práticas sobre os fundamentos e processos da Pedagogia Inaciana, facilitando a comunicação entre especialistas, investigadores e educadores.

No Seminário Internacional de Pedagogia Inaciana e Espiritualidade (SIPEI), ocorrido na Gruta de Santo Inácio, em Manresa (Barcelona, Espanha), em novembro de 2014, os participantes puderam discutir e discernir a fim de encontrar novos pontos de colaboração entre Espiritualidade e Pedagogia Inaciana, em uma concepção de espaço social onde a Espiritualidade Inaciana e a tarefa educativa podem caminhar juntas. Como é dito na obra intitulada *Os antigos alunos jesuítas e a evangelização*: “é o princípio de Inácio: converter-vos em agentes multiplicadores, tornarmo-nos pessoas capazes de assumir a visão de Inácio e a missão da Companhia em vossas próprias vidas”. (LOYOLA, 1988, p. 28).

O que entendemos dentro da Companhia é o que é dito por Inácio há muitos anos: “o amor se põe mais em gestos que em palavras”. Isso vale dizer que precisamos agir e que é na ação que conseguiremos concretizar as nossas expectativas, sejam elas de ordem disciplinar, nos métodos pedagógicos ou em novos programas curriculares.

Nessa perspectiva, podemos estar certos de que os colégios da Companhia de Jesus assumem mais do que nunca o compromisso de “edificar” seus alunos, instrumentalizá-los, ajudá-los a exercitar a criticidade, a pensar sobre as questões ambientais, raciais e todas as demandas da sociedade contemporânea. Para os inicianos: lembrar que o seu carisma reflete “ser” para e com os demais, com coragem e determinação.

2.2 A RATIO STUDIORUM

A *Ratio Studiorum* é um importante documento da Companhia de Jesus escrito no século XVI, no qual encontramos, dentre outras atribuições, aquelas que devem fazer parte das funções do professor que ingressa nos colégios jesuítas. Nele, ainda que implicitamente, encontramos os Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Esses Exercícios nos traduzem, na prática escolar, uma forma de conceber o conhecimento: contexto, experiência, ação, reflexão e avaliação. Escritos há quase cinco séculos, revelam-se, ainda hoje, importantes documentos de pesquisa a serem resgatados e reavaliados para as práticas educativas da atualidade, de forma a trazer à tona princípios e valores perfeitamente aplicados à sociedade atual.

De acordo com o que aponta a *Ratio Studiorum*, temos as sete etapas do estudo: 1) preleção do professor; 2) estudo pessoal do aluno através de trabalhos escritos e de investigação; 3) exercícios de memorização; 4) exercícios de repetição; 5) trabalhos em grupo: desafios, debates, correções; 6) declamações, lições públicas, representações e exposições de trabalhos; 7) as avaliações e comentários.

A metodologia da *Ratio Studiorum* utiliza os processos didáticos para a transmissão dos conteúdos, que compreende uma variedade de métodos em uma ampla liberdade de escolha que poderia ser facilmente adaptada ao contexto atual. Essa liberdade também estava presente na atuação do professor, que podia fazer uso dos métodos preestabelecidos ou apropriar-se de novos.

A preleção do professor, segundo a *Ratio*, é o ponto-chave do sistema didático, no qual o professor antecipa ao aluno as lições que esse deverá estudar, variando de acordo com o nível intelectual dos estudantes.

Segundo França, a participação do professor se dá em maior importância quando esse consegue ativar no educando a compreensão e a autorregulação de seu aprendizado:

A preleção, na sua finalidade, é menos informativa do que formativa; não visa comunicar fatos, mas desenvolver e ativar o espírito. Com uma compreensão viva, o aluno vai exercitando, não tanto a memória, mas também e principalmente a imaginação, o juízo e a razão. Observa, analisa palavras, períodos, parágrafos; resume passagens, compara; critica; adquire hábitos de estudo; desenvolve o desejo de ulteriores investigações para formação do critério de uma apreciação pessoal. (FRANÇA apud FERRARI, 1952, p. 35).

Vejo com bastante entusiasmo um documento apontar, mesmo em tempos em que a educação tinha o formato de transmissora, que ideias como “desenvolver e ativar o espírito” e “apreciação pessoal” estejam presentes numa perspectiva de aprendizado interno do sujeito e não meramente aquisição de conhecimento pronto. O que queremos de nossos alunos hoje se não que se desprendam de conceitos prontos e possam, a partir deles, avançar, rever, recriar, ter a possibilidade de novas interpretações e diferentes caminhos?

Nos dias de hoje, muitos jesuítas e leigos estudaram a *Ratio*, buscando-a como fonte de inspiração para trazer à contemporaneidade seus conceitos mais profundos. O vídeo *Jesuites Educación 2020: el futuro que queremos, “una nueva Ratio Studiorum para el siglo XXI”*³ apresenta de forma muito contemporânea aquilo que creio ser a marca jesuíta: a inquietude, a coragem para a busca de novos horizontes e a certeza de seu compromisso com a missão apostólica.

2.3 SANTO INÁCIO, OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS COLÉGIOS DA COMPANHIA

³ Vídeo disponível em: <<http://h2020.fje.edu/es/materials/v01-jesuites-educacio/>>.

No seu artigo *A proposta pedagógica está clara. E a mudança?*, Pe. Luiz Fernando Klein questiona o atraso nas mudanças na maneira de ensinar das instituições jesuítas:

Em 1980 o P. Arrupe dizia aos jesuítas: Temos sido muito vacilantes, demasiado tímidos e excessivamente lentos em mudar [...] Recentemente, o P. Kolvenbach dizia aos colégios jesuítas: Renovar-se ou morrer! Tem havido mudança nos colégios jesuítas do Brasil? Qual a direção da mudança? Quais as condições de possibilidade para levar a mudança adiante, hoje? (KLEIN, 2002, p.3).

Há algum tempo, Klein vem dedicando especial atenção ao tema “formação permanente” dos profissionais que atuam na Companhia de Jesus e como ajudá-los a provocar as mudanças junto aos alunos para que também esses possam, a partir da sua transformação pessoal, mudar o mundo no qual estão inseridos.

Certamente, a intencionalidade é o que há de mais importante na intervenção do professor diante de seu grupo de alunos e do conhecimento. Para que o professor possa executar com sucesso suas dinâmicas de sala de aula, Klein (1997) cita o conceito de Schön, a “*practicum reflexivo*”, que compreende três processos: 1) conhecimento-na-ação; 2) reflexão-na-ação; 3) reflexão-sobre-a-ação-e-sobre-a-reflexão-na-ação.

O autor afirma ainda que “o conhecimento-na-ação é a capacidade natural do ser humano de saber fazer ou resolver problemas mediante um conhecimento técnico, semiautomático e rotineiro, fruto da experiência e da reflexão pessoal anterior”. (KLEIN, 1997, p. 5). Reflexão-na-ação é o diálogo que a pessoa estabelece com a ação em curso e que demanda uma solução, apoiando-se para isso em esquemas, princípios e convicções, de modo não rigoroso nem sistemático. A reflexão-sobre-a-ação-e-sobre-a-reflexão-na-ação é realizada quando a pessoa, após a ação, a evoca, reconsidera e avalia com distanciamento crítico e isenção emotiva, e com instrumentos adequados de análise.

Dessa forma, entende-se que Schön (1995 apud KLEIN, 1997) propõe que a prática seja o lugar não apenas da aplicação dos princípios teóricos da formação inicial do professor, mas o lugar da pesquisa, da reflexão, da criatividade e da elaboração do seu conhecimento pedagógico. Se compararmos os três processos definidos por Schön com os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, encontraremos

muitos pontos em comum. Nos Exercícios Espirituais, Inácio aponta as cinco dimensões essenciais: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. É uma descrição da contínua interação da relação “professor x aluno x conhecimento”, no processo de ensino-aprendizagem, que fornece respostas aos problemas educativos, por ter a capacidade intrínseca de “ultrapassar o meramente teórico e chegar a ser um instrumento prático e eficaz no sentido de efetuar mudanças na maneira de ensinar e aprender”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 38).

Esse processo do Paradigma Pedagógico Inaciano, consciente e dinâmico, realiza-se no fazer pedagógico em cinco etapas sucessivas e simultâneas:

Figura 1 – Paradigma Pedagógico Inaciano



Fonte: Site do Colégio dos Jesuítas.

- 1) Contextualização inaciana: situar-se na vida.
- 2) Experiência: integração do cognitivo com o afetivo.
- 3) Reflexão: imersão na verdade, na objetividade e nos valores.
- 4) Ação: o agir com os demais.
- 5) Avaliação: processo contínuo.

O modelo contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação tem como característica de importância decisiva a introdução da reflexão como resposta dada ao compromisso educacional de estabelecer a síntese entre Evangelho e cultura, e entre a ciência, a tecnologia e a fé.

O quadro a seguir foi organizado por mim ao longo do curso de especialização da Rede. Penso ser interessante apresentá-lo aqui porque resume, na minha interpretação, o Paradigma Pedagógico Inaciano:

Figura 2 – Resumo Paradigma Pedagógico Inaciano

Fonte: Elaborada pela autora.



Reafirmando, o conhecimento dos Exercícios Espirituais, traduzidos na rotina escolar e utilizados com intencionalidade pelos professores, favorece a aquisição do conhecimento, vinculado às questões sociais, desenvolvendo habilidades e

competências tão necessárias para a resolução de problemas presentes no cotidiano. Além disso, promove seres capazes de pensar em uma sociedade mais justa e igualitária no momento em que se percebem “homens e mulheres para os demais”, buscando conhecer a realidade social na qual estão inseridos, partícipes dela e responsáveis por gerar as mudanças que a sociedade espera.

Kolvenbach ressalta o valor dos Exercícios:

Eles transformaram muitos corações e muitas vidas e foram fonte de importantes mudanças sociais e culturais. Não são um sistema rígido, fechado; pelo contrário, são flexíveis e podem ser adaptados às pessoas de distintos estágios na caminhada espiritual e a diferentes programas de acompanhamento das pessoas na vida ordinária. A experiência mostra que cristãos não católicos podem tirar bom proveito dos Exercícios e estes também podem ser adaptados para ajudar os não-cristãos. Estou pessoalmente convencido de que não temos nada melhor para oferecer. Convido-os a fazerem melhor uso deles, e espero que muitos de vocês aprendam a usá-los para ajudar os outros, como alguns já o tem feito. Insisto também que vocês reivindiquem de meus irmãos jesuítas que, ao trabalharem lado a lado com vocês, compartilhem a espiritualidade de Inácio de Loyola, especialmente os Exercícios Espirituais. (KOLVENBACH apud KLEIN, 1997).

Nessa perspectiva, o educador inaciano deverá, na sua formação, também passar pela experiência da ação e reflexão, como diz o Pe. Peter McVerry no seu artigo *La persona compasiva*: “Para permitir que nossos alunos sejam ‘homens e mulheres para os outros’, temos que investir muito tempo e esforço em nossos professores”⁴. (MCVERRY, 2014, p. 8, tradução nossa).

2.4 A PESSOA COMPETENTE, CONSCIENTE, COMPASSIVA E COMPROMETIDA

Para falarmos do perfil de aluno que nos comprometemos a formar dentro do Colégio Anchieta, é preciso buscar nos documentos o significado dos 4 C’s. No Projeto Educativo Comum, encontramos:

Competentes: Profissionalmente falando, têm uma formação acadêmica que lhes permite conhecer, com rigor, os avanços da tecnologia e da ciência. (ii) Conscientes: Além de conhecerem-se a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, têm um consistente conhecimento e experiência da sociedade e

⁴ “Para permitir a nuestros alumnos ser ‘hombres y mujeres para los demás’, tenemos que invertir mucho tiempo y esfuerzo em que nuestros profesores lo sean”.

de seus desequilíbrios. (iii) Compassivos: São capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem. (iv) Comprometidos: Sendo compassivos, empenham-se honestamente e desde a fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 30).

A citação nos deixa claro o quanto estamos implicados na formação de líderes, uma vez que se espera, ao final do período escolar, sujeitos com visão mais abrangente e que já possam sentir-se capazes de transformar a realidade a sua volta. Não há outro objetivo maior – e creio que esteja falando pela instituição escolar como um todo, seja ela de que origem for – do que a de proporcionar um espaço de reflexão, de criação, de problematização de situações hipotéticas ou reais, com vistas a colocar os alunos num lugar de experimentação e resolução de problemas. O PEC ainda nos traz:

Os indicadores de qualidade da educação elaborados por agências internacionais ajudam a mapear as fragilidades e fortalezas dos sistemas educativos. Também parece pertinente a relação entre a qualidade da educação e a equidade social. Não há mérito de excelência acadêmica sem que isso seja seguido pela mobilidade social e diminuição da pobreza. Nosso modo de oferecer educação de qualidade, entretanto, não se restringe a atingir os índices de ranqueamento em avaliações padronizadas. Nossa finalidade considera mais as demandas pela sustentabilidade ambiental do planeta do que as metas de desenvolvimento econômico viciadas na exploração dos recursos naturais. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 37).

O que penso realmente sobre a educação básica é que não há mais como fazermos “vistas grossas” para aquilo que é imprescindível na sociedade e que se refere a ações humanas imediatas para resolver questões de justiça social e que deveria preponderar sobre a formação acadêmica única e simplesmente como ranking para o ingresso nas universidades. Claro que é na vida acadêmica das universidades que os nossos propósitos ganham mais corpo, forma e velocidade, porém, muito antes, nos espaços escolares de formação básica, é que se encontram os embriões dessa transformação e isso é o que defendo aqui: uma base forte para o direcionamento das capacidades humanas. Com isso, teremos jovens ingressando nas universidades com propósitos mais claros e que vão além das expectativas da pontuação e ingresso nesta ou naquela universidade.

Nesse propósito, trago o que diz Pe. Pedro Arrupe, mencionado no texto de Klein:

Formar homens novos, com uma forma de vida tão coerente com os valores que aprenderam de Jesus Cristo que se destaquem no serviço aos outros. Formar homens abertos ao crescimento pessoal, ao mundo mutável atual. E, por fim, formar homens equilibrados, que conciliem os valores acadêmicos e evangélicos, já que não é ideal dos nossos colégios produzir estes pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal aproxima-se mais ao insuperado homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano. (ARRUPE apud KLEIN, 1997, p. 6).

Através de minha experiência no campo da educação, parto para as reflexões acerca do processo formativo que deve estar implicado no espaço escolar e fora dele, uma vez que o contexto também comunica e, comunicando, é capaz de produzir aprendizado.

Então pergunto: quem são os jovens da atualidade que frequentam nosso espaço educativo?

Eles não conheceram o mundo sem internet, vivem uma vida *online* e imediatista. São críticos, dinâmicos e exigentes. Não gostam de horários e têm dificuldades com hierarquias. Vivem em um mundo pluralista, multifacetado, com muitos estímulos visuais e sensoriais. Nunca o aprendizado escolar foi tão contestado, uma vez que a informação hoje está literalmente na ponta dos dedos e não mais somente nas falas dos professores ou nos livros didáticos.

Então, como trabalhar com esse aluno? Que planejamento pedagógico dá conta dessa demanda?

Para responder a essas perguntas, há que se fazer algumas ponderações: ter acesso à informação, por exemplo, não significa adquirir conhecimento. De acordo com Freire (1987, p. 33), “o conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, através de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si”.

Trazendo essas ideias para a formação integral, temos o entendimento de que “o nosso ideal é a pessoa harmonicamente formada, que é intelectualmente

competente, aberta ao crescimento, religiosa, movida pelo amor e comprometida com a prática da justiça no serviço generoso ao povo de Deus”. (KLEIN, 1999, p. 5).

A afirmação desse ideal consta no livro *Pedagogia Inaciana, uma proposta prática*, em que é definido o objetivo da educação jesuíta como “o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação inspirada pelo espírito e à presença de Jesus Cristo, filho de Deus e homem para os outros” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993) Assim, pretendemos formar líderes no serviço e na imitação de Jesus Cristo, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão.

Nesse entendimento, a Pedagogia Jesuíta tem o seu projeto educativo centrado na pessoa e preocupa-se em ajudá-la a se desenvolver de forma lúcida, íntegra, livre e autônoma. Klein reforça essa ideia:

Por todo o exposto, a Pedagogia Jesuíta tem uma contribuição a oferecer ao mundo contemporâneo, através de uma teoria e de processos que formam a inteligência, o caráter, a personalidade, o relacionamento, o posicionamento e a missão dos educandos. (KLEIN, 1997, p. 11).

Essas habilidades geram as competências das quais nossos alunos devem lançar mão para resolver suas próprias questões e as questões a sua volta também, uma vez que são entendidos como agentes sociais. De acordo com o que venho estudando, a formação integral do aluno compreende, como nos mostra a figura abaixo, o aprendizado da pessoa toda, nas suas amplas dimensões, com a finalidade de formar a consciência humana para os desafios de seu tempo. Cada época tem suas exigências e os passos da Pedagogia Inaciana mantêm-se atualizados porque colocam o homem sempre como agente de transformação.

Figura 3 – Formação Integral do aluno



Acredito que na vida precisamos buscar algumas certezas, mas certezas aqui não entendidas como verdades absolutas e imutáveis, aliás como bem disse Heráclito (540 A.C.): “Nada é eterno, exceto a mudança”. Refiro-me à certeza de que, nessa caminhada da educação, precisamos andar sobre o terreno fértil da renovação. Não se trata de fazer terra arrasada e desprezar o que já se construiu, muito pelo contrário: poder fazer releituras importantes da nossa história e descobrirmos novas maneiras de construir conhecimento. Um conhecimento significativo com vistas ao bem de todo ecossistema planetário e não apenas ao da humanidade. Esse ensinamento é o que devemos preservar no Colégio Anchieta.

Creio que a experiência humana é mais rica do que qualquer uma de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e "compreensiva" que seja, poderia exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranquilo de viagem. Essa viagem não tem um final feliz — toda a felicidade se encontra na própria jornada. (BAUMAN, 2003, p. 9).

Endossando as palavras de Bauman, creio que o caminho da educação nunca foi e nunca será um caminho pronto; vai se formando ao andar, e aí se encontra toda a beleza da jornada. Talvez algumas certezas venham exatamente do fato de entendermos a educação como uma ação de contínua reflexão. Nunca estaremos prontos. Que bom! Este é o caminho da humanidade, reinventar-se sempre, entendendo o contexto e suas necessidades.

3 A PEDAGOGIA JESUÍTA E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A educação sempre teve sua função social. Ainda hoje, em muitos espaços educacionais, ela apresenta-se como um modelo de reprodução, sustentada por um padrão político que impõe o perfil de sociedade que se deseja. Há muitos teóricos que trazem os efeitos dessa educação para a sociedade e qual a intenção por trás disso. O que temos que ter em mente é que não há neutralidade no que diz respeito à educação. Nessa perspectiva, qual o posicionamento da Pedagogia Jesuíta? O que ela almeja para a sociedade? Que importantes contribuições pode trazer à sociedade?

3.1 INJUSTIÇA E DESIGUALDADE SOCIAL

De acordo com Ivern (2002, p. 51), “a pedagogia inaciana incorporou muitos elementos da formação humanista. Essa visão humanista de inspiração cristã coincide em muitos de seus elementos com o conceito de desenvolvimento integral da pessoa humana”.

Esse desenvolvimento integral mencionado pelo autor, a meu ver, amplia muito os antigos conceitos de integralidade que antes se pautavam mais pela quantidade de conhecimento adquirido e o conseqüente sucesso de sua aplicabilidade do que aquilo que seria realmente necessário para melhorar a vida das pessoas e da sociedade em geral. O que temos visto, e é um traço da contemporaneidade, é que os recursos planetários foram severamente subtraídos de nosso solo, de nossas matas, de nossos rios e mares, e que hoje muito mais do que conhecimento adquirido e transmitido, precisamos de ações concretas e imediatas para estancar procedimentos que se antes eram vistos como necessários para o desenvolvimento, hoje representam ameaça iminente para a manutenção da vida na Terra.

O desenvolvimento integral da pessoa humana precisa alinhar-se com o meio ambiente numa ótica na qual a ação humana deve estar presente de forma positiva a fim de sanar os problemas que outrora foram vistos como essenciais para o

desenvolvimento humano. Precisamos colocarmo-nos não mais no topo de uma cadeia, mas em uma rede interligada com todos os seres vivos e com o meio. Esse conceito é hoje definido por biocentrismo, no qual a vida, a preservação da vida e a permanência dela no planeta deverão ser o centro de nossas atenções e ações.

É também uma questão de articulação entre fé e justiça e de opção pelos pobres a inclusão das questões que envolvem a sustentabilidade ambiental do nosso planeta, em que as populações que menos contribuem para a degradação ambiental são e serão as que mais sofrem as consequências, tais como comunidades de pescadores, ribeirinhos do Amazonas, regiões tribais e tantas outras populações. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 36).

Nessa perspectiva, não há como não avançarmos em outras instâncias que dizem respeito à humanidade. Ora, se usarmos a nossa racionalidade para respeitar o nosso planeta, as espécies, os recursos, então estaremos mais sensibilizados para nos ajudarmos também. É quase um contrassenso que nós, humanos, dotados de infinito potencial criativo, estejamos à beira de um abismo, sem que não tenhamos senso de preservação de nossa própria espécie. Entretanto, o que quero mesmo pontuar é que, fazendo uma reflexão sobre os caminhos percorridos pela humanidade hoje, século XXI, percebemos que ainda não conseguimos o básico para a nossa espécie: alimento, abrigo e saúde.

A contemporaneidade nos trouxe com mais ênfase o aparato tecnológico, sobretudo a tecnologia digital. Com ela, a possibilidade de reduzirmos distâncias, de nos situarmos no tempo e no espaço em tempo real, de agilizarmos nossas rotinas e de tornarmos concretos sonhos que há 20 anos eram tratados como ficção. E todo tipo de recurso tecnológico nos foi liberado, em uma acessibilidade quase que imposta, revelando uma face que também nos foi implantada, tal qual um chip: o desejo para além da necessidade.

As substituições tecnológicas – por outras mais modernas, enquanto as primeiras ainda têm um bom funcionamento – também foram imposições assustadoras, principalmente para a maioria dos imigrantes digitais (os nascidos nas décadas de 1970 e 1980). Até a própria necessidade, terreno fértil para as invenções, foi construída. Explico: nós consumimos aquilo que nem temos necessidade real de consumir, mas desejamos como nunca adquirir.

E os seres humanos no meio disso tudo? Hoje se fala muito em globalização. As pessoas têm esse conceito muito bem estabelecido em suas cabeças. A China tornou-se quase fronteira com o nosso país. As distâncias encurtaram e as possibilidades aumentaram significativamente. A globalização é um fenômeno planetário, sem dúvida alguma. Contudo, ao vermos os noticiários na TV, como o caso mais recente do ebola dominando as comunidades mais carentes da Terra e que se encontram no continente africano, uma questão vem à minha mente: aquelas pessoas que lá vivem em condições sub-humanas estão globalizando o quê?

Podemos ampliar nossa reflexão e olhar também para o nosso país. Há muitos famintos e negligenciados aqui também. Podemos erguer o nosso olhar e ver nossos irmãos humanos fugindo da guerra na Síria. Tudo isso é doloroso e confuso. A maioria de nós adquiriu nos últimos tempos, temores, depressão, ansiedade e estresse, além de outros males do século, tudo apenas vivendo. E viver é uma palavra bonita demais para fazer parte dessa rotina de mazelas.

O fato é que vivemos em um mundo tecnológico, repleto de recursos que nos ajudariam a aumentar a qualidade de vida de todos, mas não estão a serviço de todos, apenas de uma minoria. Temos criatividade, inteligência e pouca sensibilidade para acabar com um dos mais graves problemas mundiais: a fome.

A intenção, nessas ideias apontadas não é a de nos colocarmos em uma posição de vilões ou de desencanto pela vida, mas li esses dias que é do caos que nascem as estrelas. Piegas? Talvez. Todavia, há um fundamento científico nessa química do universo. E acredito que muitas respostas às nossas perguntas venham de lugares maiores e mais coerentes do que o nosso pequeno mundinho azul.

Bem, se é de um caos que estávamos precisando, temos muitos, agora vamos partir para o nascimento das estrelas.

Hoje, mais do que nunca, temos que desenvolver nossas habilidades, tornando-as ações concretas para os desafios que se apresentam. Mais do que a retórica, precisamos da prática organizada para realizarmos pequenas, médias e grandes transformações e é na prática que a própria prática se concretiza. Mora aí a função da escola contemporânea: permitir que todas essas questões invadam os espaços escolares e para além deles numa dinâmica social coerente, na qual se

estímule a pesquisa e se execute as ações pensadas com o foco na melhoria das condições de vida das pessoas e do ambiente no planeta.

Mais uma vez, Klein (1997, p. 8) nos traz que “a Pedagogia Jesuíta trata de preparar os educadores para serem criativos, inovadores, produtores de soluções inéditas”.

3.2 OS DESAFIOS DA PEDAGOGIA JESUÍTA HOJE

Vivemos numa sociedade mundial desafiadora. Demandas relacionadas à desigualdade social fazem parte de grande parcela dessa sociedade. Alguns países parecem, com mais empenho, conseguir atenuar essa realidade, com suas políticas públicas. Porém, infelizmente, para muitos de nós que vivemos em uma sociedade desigual, parece estranhamente normal que as coisas sejam assim, desiguais ao extremo. Então, o direito das pessoas menos favorecidas fica ameaçado principalmente pela falta de “afeto” dos demais. Refiro-me afeto como ato de afetar-se pelo que se vê, pelo que se percebe a partir disso e pelo que se transforma dentro de cada um. Se isso se acomoda dentro das pessoas como uma contingência da vida, então estamos mesmo fadados ao fracasso. E se isso atinge as escolas, e é sabido que atinge, muito pouco poderão fazer pela sociedade.

A esse respeito, Klein (1999, p. 5) afirma que “os jesuítas não ingressaram no mundo dos colégios para ensinar técnicas de sucesso profissional, mas para contribuir para o pleno desenvolvimento das pessoas e, mediante elas, para a transformação da sociedade”.

A reafirmação desse ideal consta no livro *Pedagogia Inaciana – uma proposta prática*, em que é definido o objetivo da educação jesuíta como “o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação inspirada pelo espírito e à presença de Jesus Cristo, filho de Deus e homem para os outros”. Assim, pretendemos formar líderes no serviço e na imitação de Jesus Cristo, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão.

Nesse contexto, faz-se necessário a formação permanente do professor, instrumentalizando-o para que possa, com intencionalidade, planejar e aplicar

estratégias que possibilitem ao educando desenvolver-se integralmente, atingindo a excelência humana e acadêmica.

Uma das bases da espiritualidade inaciana para iluminar a prática pedagógica é a meditação do amor a Deus e à criação, importante, sobretudo, na questão ambiental. Se tivermos consciência real das mazelas que afligem o mundo, talvez possamos reverter a situação e assim, termos uma visão mais positiva do ser humano.

Em consonância com os quatro pilares imprescindíveis para a educação, apontados por Delors (2010, p. 31) – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser –, a Pedagogia Jesuíta ampliou esses conceitos, acrescentando ainda o aprender a construir, aprender a empenhar suas capacidades para a transformação da realidade, aprender a conviver priorizando os necessitados, aprender a desenvolver-se integralmente ao longo da vida e aprender a direcionar a vida com vistas a transcendência.

Klein (1997, p. 11) reforça essa ideia:

Por todo o exposto, a Pedagogia Jesuíta tem uma contribuição a oferecer ao mundo contemporâneo, através de uma teoria e de processos que formam a inteligência, o caráter, a personalidade, o relacionamento, o posicionamento e a missão dos educandos.

Nesse entendimento, a Pedagogia Jesuíta tem o seu projeto educativo centrado na pessoa e preocupa-se em ajudá-la a desenvolver-se de forma lúcida, íntegra, livre e autônoma.

3.3 A COMPANHIA DE JESUS E A PROPOSTA DA MUDANÇA PEDAGÓGICA

De acordo com a Companhia de Jesus:

A educação jesuíta busca formar homens e mulheres que estejam preparados para acolher e promover tudo o que for realmente humano, comprometidos no trabalho em favor da liberdade e dignidade de todos os povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em modificar as estruturas (sistemas sociais, econômicos, políticos) de tal forma que preservem nossa humanidade comum, e libertem as pessoas para se dedicarem generosamente ao amor e cuidado dos outros. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993)

Em outubro de 2015, tive a oportunidade de participar da palestra da pedagoga Montserrat Del Pozzo, em São Paulo, e conhecer a realidade vivida por ela, como diretora do Colégio Montserrat, em Barcelona. Segundo ela, “devemos educar para a vida e para formar as pessoas”. Montserrat é pioneira na aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner. Ela pensa na educação escolar em uma perspectiva de pensamento crítico e criativo para a resolução de problemas. Ainda sustenta a ideia de uma educação que traga abordagens lógicas, nas quais o sujeito busque novas ideias para a solução dos problemas da atualidade.

Na sua experiência profissional, mais precisamente no ano 2000, a escola de Montserrat estava passando por uma crise, pois na região onde fica havia muita concorrência, muitas escolas próximas. Então era necessário fazer diferente, caso contrário, não sobreviveriam. A mudança proposta aconteceu e deu tão certo que de 200 alunos, a escola passou-se a ter 1.200.

As mudanças começaram a partir da ideia do trabalho cooperativo, no qual nenhum aluno poderia mais sentar-se um atrás do outro, mas juntos, em um espaço onde poderiam olhar o rosto uns dos outros para as trocas e partilhas. Essa foi uma pequena mudança nos conceitos de educação e organização dos espaços escolares tal como conhecemos hoje (e que são assim há muito tempo). O fato é que a mudança deu certo e, segundo Montserrat, são pequenas ações que geram grandes mudanças. Montserrat ainda afirma que qualquer modificação, por menor que seja, gera insegurança, pessimismo e críticas. Entretanto, precisamos enfrentar todos esses sentimentos se quisermos construir algo novo. Ela diz que precisamos nos preparar porque toda mudança afeta a escola como um todo, mesmo que seja pequena, e esse processo é “dolorido”, mas não é dolorido o tempo todo.

Certamente as mudanças propostas na escola de Barcelona não foram apenas estruturais, mas metodológicas e, para isso, precisamos saber que passaremos por algumas fases que, segundo Montserrat seriam: desconfiança, apatia, protesto, indiferença, até os níveis de aceitação, apoio, cooperação e plena identificação.

Percebo a importância de a palestrante ter trazido não só novas ideias, mas uma análise de como novas ideias passam pela escola e o tempo que as pessoas precisam para aceitar – desde a desconfiança até a cooperação e identificação.

Entendo que, assim como nossos alunos reagem diante do novo, os professores também têm suas reações. Alguns com certa resistência inicial, outros com grande euforia (nesse caso, bastante cuidado, pois assim como a euforia vem, vai embora). O fato é que sentimentos estão implicados em um processo de mudança e devemos lembrar sempre de que somos todos humanos e precisamos de tempo para a acomodação de um novo fazer.

Novos fazeres escolares da contemporaneidade pressupõem que saibamos e queiramos implementar mudanças. O problema é que queremos mudar, mas não sabemos bem como. É necessário ter clareza para onde se quer ir. Montserrat aposta em um currículo baseado em inteligência múltipla, com competências globais: investigar o mundo, reconhecer perspectivas, atuar, compartilhar. Uma educação que introduza os “extraescolares” no currículo: robótica, teatro, laboratórios, filmes, violinos, esportes, ateliês, capacitação dos professores, horta escolar. Tudo isso deve fazer parte do currículo e não serem apêndices. Ainda, fazer o aluno participar de competições, ter contato com empreendedorismo social. Atividades que estimulem o pensamento devem estar dentro do currículo, e não fora dele, em uma metodologia centrada no aluno e orientada para o serviço.

E o educador? O educador precisa ser humilde, ter vontade de aprender, interesse em atualizar-se durante toda a vida e entender que o erro faz parte da aprendizagem. Tudo o que queremos fazer para nossos alunos, precisamos fazer conosco, educadores. O modelo tem que ser o mesmo. O educador, quando participa, se envolve.

E o aluno? O aluno precisa acreditar que pode encontrar o melhor de si mesmo através da autonomia e descobrir quais são as suas habilidades. Essas habilidades é que geram as competências das quais ele lança mão para resolver suas próprias questões e as questões a sua volta, uma vez que ele também é agente social. As ferramentas digitais ajudam muito a avançar no conhecimento e precisam ser desenvolvidas para este fim: o progresso das pessoas e da sociedade. E, na escola, o melhor recurso dos alunos ainda é o professor. Nossos alunos precisam ter modelos, bons modelos de pessoas que estejam envolvidas nos processos de ampliação de conhecimento e boas práticas escolares e essas boas práticas precisam ser compartilhadas.

Falando sobre bons modelos, as escolas, de acordo com Montserrat, precisam estar mais abertas, ter os pais participando e auxiliando com seus conhecimentos também. É para isso, segundo ela, que servem as escolas, para esse intercâmbio de pessoas que fazem trocas, que inspiram outras pessoas e que provocam mudanças.

A esse respeito, Nóvoa traz:

Por isso, o currículo para o século XXI há de ser o mais simples possível, deixando a máxima liberdade aos professores. Para que a escola possa centrar-se nas suas missões é indispensável que a sociedade esteja mais presente na educação das crianças. (NÓVOA, 1991, p. 10).

Na minha experiência, tanto como aluna quanto como profissional, não recordo, no passado, de ter mais do que meia dúzia de participações das famílias na escola em momentos que não fossem algum evento festivo ou entrega de avaliações. Refiro-me à atuação dos pais não como pais, mas como integrantes da sociedade e com participação efetiva na escola a fim de colaborar com sua tarefa educativa. Parece que, nessas últimas décadas, ficamos mais afastados de “nossos pais” do que antes. A escola ainda é um terreno pouco frequentado por outros adultos (pais), em uma ideia de partilha com os alunos e isso, na minha visão, deveria ser revisto. Temos pais que desenvolvem seus trabalhos com maestria, são bons e importantes exemplos dentro do universo escolar. Também são fontes de inspiração.

Lembro bem de um projeto desenvolvido por mim e mais um grupo de professoras no interior do Paraná. Por ocasião do dia das mães, resolvemos perguntar: “O que tua mãe faz de importante e que muda a vida das pessoas?”. Tivemos relatos lindos de um menino, filho de uma médica falando de como sua mãe era ágil e habilidosa em salvar a vida das pessoas. Ele tinha forte convicção de que queria isso para sua vida quando crescesse. Tivemos também o relato de outro garoto, filho de uma doméstica, contando emocionado como era importante chegar em casa depois da aula e ter o bolo preferido sobre a mesa feito pela mãe. Não era sempre que ela tinha tempo para fazê-lo, mas em todas as vezes que isso acontecia, era uma festa para ele. Aquele bolo era o símbolo da felicidade e da paz naquele lar.

As pessoas estão no mundo para transformá-lo. A grande maioria de nós quer e procura produzir o bem. As escolas são espaços para que o bem se promova, inspire outros e conduza a uma paz de espírito tão plena quanto o relato do menino cuja mãe salvava vidas ou o relato feliz do colega sobre o “bolo transformador”. As duas mães, no final das contas, a meu ver, salvam vidas. A beleza da escola pousa exatamente nisso, na intenção e na destreza de ajudar os alunos a produzir significados em absolutamente tudo quanto é produzido pela sociedade, sejam os bens de consumo, o conhecimento, os sentimentos, as atribuições de cada um na sociedade, etc. Produzir significado é, afinal, uma construção, alicerce para novas ideias e projetos que tenham a intenção de melhorar a vida das pessoas. Como diz Tardif (2014, p. 244), “seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros”.

Alegra-me ver, no espaço escolar onde atuo, a participação dos pais nos projetos de Apadrinhamento que desenvolvemos. O Apadrinhamento caracteriza-se por momentos de sensibilização, planejamento e execução de interativas que proporcionam o contato com o outro e a percepção de suas necessidades, apontando para a importância da vivência solidária e mudança de atitude no cotidiano. Visa contribuir na formação de bons cidadãos, pessoas compassivas, conscientes, competentes e compreensivas, voltados para os valores cristãos, dos quais tanto carece nossa sociedade.

Na prática, pais e alunos são convidados a acolher e conhecer a realidade de outras famílias, participando dos seus espaços, fazendo escuta das suas dificuldades assim como das suas conquistas, num momento onde a partilha e a colaboração encontram terreno fértil para acontecer.

Nesse sentido, as dimensões do PEC nos trazem:

Superando a discussão sobre protagonismo escolar, importante em seu tempo, acreditamos que professores, alunos, famílias, profissionais não docentes, todos são protagonistas do processo educativo, participando de diferentes formas e lugares da vida escolar. Sem sombra de dúvida, o principal foco de todo o trabalho desenvolvido é o aluno, sujeito das aprendizagens propostas mediadas pelo professor e por tantas outras possibilidades de acesso ao conhecimento. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 44).

Considero essa prática não só bela e gratificante; considero eficiente, uma vez que pode gerar mudanças imediatas na vida de uma comunidade porque ali estão presentes pessoas que mostram as dificuldades e pessoas que têm a solução. Mais do que isso: há nesses encontros uma ajuda mútua. Muitos pais vêm transformados, sentem-se gratos porque também aprendem muito nas trocas e levam para suas vidas importantes reflexões.

4 FORMAÇÃO INTEGRAL NA CONTEMPORANEIDADE

Muito se tem visto sobre educação integral. Uma das definições mais importantes que tive a oportunidade de ler foi a de que a educação integral humaniza a escola. E essa é, ao meu ver, a definição mais clara e mais bonita daquilo que entendo por educação integral.

A seguir, alguns dos influenciadores dessa formação integral e que, ao meu ver, aproximam muito seus pensamentos com a Pedagogia Jesuíta.

4.1 A INFLUÊNCIA DE PESQUISADORES DA ATUALIDADE: EDGAR MORIN E PHILLIP PERRENOUD

Para começar este capítulo, cito Edgar Morin (2002, p. 3): “É necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em Matemática que podem dar sozinhas um conhecimento pertinente, mas sim a capacidade de colocar o conhecimento no contexto”.

Muito tenho lido sobre Morin e sempre o sinto afirmar a necessidade da formação de um indivíduo que assuma sua condição humana para tornar-se cidadão, definido na sociedade como solidário e responsável em relação a sua pátria. O autor ainda amplia essa ideia para o entendimento de que fazemos parte de uma pátria maior, uma pátria terrena que compreende as várias pátrias-mães. Essa pátria é a nossa “Terra-Pátria”, com o propósito maior de um desenvolvimento em múltiplos canais, globalizando e civilizando as relações humanas. Nessa perspectiva, a organização dos currículos escolares teria o objetivo claro de humanizar as disciplinas, desde os primeiros anos de escolaridade, evitando destruir, ali, a curiosidade natural das consciências que despertam para as interrogações do mundo.

Em seu livro *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, Morin trata dos princípios de um pensamento que une os saberes. Afirma que há a conexão dos saberes que se desdobram numa ética de união e solidariedade entre os humanos. Porém, todos os princípios abordados esbarram na ideia de que “não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se

pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições”. (MORIN, 2003, p. 99). E, mais ainda, segundo o autor, temos o bloqueio da resistência pela rigidez na maneira como os professores entendem a educação, sobretudo aqueles que têm suas autonomias disciplinares. Além disso, temos o bloqueio escola-sociedade. Como reformar a escola sem reformar a sociedade e vice-versa? Bem, o que temos é uma necessidade iminente de uma reforma de pensamento, compromisso da humanidade com aqueles que herdarão a Terra-Pátria.

A obra de Morin traz, no seu discurso, a urgência da reforma humana, entendida como a reforma do pensamento. Muitas das questões abordadas em sua obra, citada anteriormente, nos remetem a uma análise profunda dos saberes tal como estão organizados em nosso sistema educativo. Acho que “organizado” é uma palavra que perde seu sentido nessa obra. Melhor seria dizer “disposto”, “engessado”, “compartimentado”, “fragmentado”...

Impossível também é sentir-se tranquilo na prática pedagógica, quando nos expomos e mergulhamos em um novo sentido de entender a humanidade e a transmissão de culturas, tão bem explorada por Morin, pois a obra sugere, ainda que intrinsecamente, uma análise de toda a nossa performance como educadores. Certamente é este o fim maior de um pensador ao expor suas ideias: a de nos desacomodar, não só em nosso cotidiano escolar, mas também na nossa visão de mundo e na maneira como concebemos a sociedade. A máxima “quando aqui cheguei, as coisas já estavam assim” já não nos cabe mais enquanto indivíduos ativos e atuantes no mundo em que vivemos. Digo ativos porque nunca se produziu tanto conhecimento e tecnologia; nunca se desenvolveu tanto os aparatos eletrônicos; e nunca se viu tanto uma enormidade de redes e conexões de comunicação mundial como nos últimos dez anos. E vou além, acredito que as mentes brilhantes que se voltaram para a invenção de toda essa “parafernália globalizada” também podem ser mentes brilhantes para a real globalização de tecnologias, globalização de formas mais eficientes de se viver nesse mundo, de erradicar a fome e de gerar a felicidade.

Ao propor a reforma do pensamento, Morin, no meu entendimento, vê na escola a semente da mudança, e mantém uma crença inabalável na figura do professor, esse profissional tão necessário à sociedade e que, se atualizado em

cursos de formação, poderá operar as transformações essenciais a um novo estilo de vida e de seres humanos. E aqui nem nos cabe discutir se isso é bom ou não. A sociedade avança e com ela todas as demandas esperam mais pelas nossas adaptações e condutas do que pelas nossas opiniões, muitas vezes presas à modernidade. Os professores, em uma sociedade futura, serão os “professores da vida”, em uma ação planetária de fato globalizada, para que promovam, de forma no mínimo justa, uma educação para todos. Utopia desta professora aqui? Quem sabe? Mas arejar a mente, libertar o pensamento, observar o movimento da sociedade e discutir nos fóruns adequados as mudanças necessárias têm realizado um grande movimento dentro de mim e um forte desejo de transformação.

Masciotta e Medzo (2009 apud PERRENOUD, 2013), nos dão o seguinte exemplo: a pessoa encontra-se na parte superior de uma pista de esqui alpino, com a intenção de esqui. A pista é muito íngreme e a neve está dura. O céu está nublado e há pouca luminosidade. Qual é a situação em que essa pessoa se encontra?

- Uma situação impossível para um esquiador principiante.
- Uma situação suicida para um esquiador com pouca experiência que se arrisque a esqui.
- Uma situação perigosa para um esquiador experiente, mas amador, que tente fazê-lo.
- Uma situação de desafio para um esquiador muito experiente, mas amador.
- Uma situação de treinamento para um esquiador profissional.

Esse exemplo mostra como uma situação pode mudar de uma pessoa para outra.

Portanto, cada situação depende, ao mesmo tempo, das habilidades da pessoa e das possibilidades do ambiente. As modalidades internas dizem respeito aos recursos dos quais a pessoa dispõe, principalmente seus conhecimentos de esqui. As modalidades externas referem-se ao conjunto de circunstâncias em que a pessoa se encontra. (MASCIOITA; MEDZO, 2009 apud PERRENOUD, 2013, p. 43).

O que é importante considerar nesse exemplo é que as habilidades das pessoas variam muito de acordo com as suas vivências, oportunidades, meio em que vivem, biotipo herdado, etc. Se considerarmos todas essas variantes distintas

dos seres humanos, entenderemos com mais facilidade a ideia de que somos semelhantes, sim, temos um desenvolvimento considerado padrão, nascemos mais ou menos com 40 semanas, caminhamos mais ou menos com um ano, etc. Entretanto, isso não justifica as mesmas habilidades, muito menos os mesmos resultados. Ainda bem! Não somos uma linha de produção, apesar de que já vivemos isso em algumas realidades históricas. Além disso, existem pessoas que apresentam diferenças de comportamento, percebem a vida em um outro enfoque. Outras, ainda, apresentam deficiências físicas ou mentais. O fato é que somos muitos e somos únicos. Enquanto ocuparmo-nos de receitas padronizadas, estaremos andando “às cegas”. Esse é, a meu ver, o ponto fundamental da mudança. O local onde devemos pousar nossas reflexões e posteriores ações.

4.2 A FORMAÇÃO DO EDUCANDO NO COLÉGIO ANCHIETA

Faz parte da minha rotina diária em uma instituição jesuíta, o Colégio Anchieta, o convívio e a troca com colegas que, assim como eu, buscam crescimento pessoal e profissional por meio dos cursos de capacitação. De acordo com o PEC nº 34:

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas a sua dimensão intelectual. (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 45).

Buscamos, dentro do Colégio, aquilo que é inerente aos inicianos e que os Exercícios Espirituais sugerem: “Atividade constante, através de ações variadas: meditação, contemplação, exame de consciência, repetição, aplicação de sentidos, reflexão, revisão, celebração”⁵. (KLEIN, 2014, p. 6, tradução nossa).

Numa dessas conversas com o Zeca, apelido do José Francisco Flores, meu colega no Colégio Anchieta, pudemos partilhar as nossas ideias, pesquisas, leituras

⁵ “Constante actividad, através de acciones variadas: meditación, contemplación, examen de conciencia, repetición, aplicación de sentidos, reflexión, revisión, celebración”.

e vivências acerca do trabalho que tenha a marca inaciana. Descobri, assim, que ele, em sua tese de doutorado, estabelece “A pesquisa como princípio de aprendizagem” e a investigação como princípio educativo. Nessa pesquisa, segundo o Zeca, “professor e aluno se integram, cada um na sua instância, no processo de aprendizagens tanto acadêmicas quanto relacionais, desenvolvendo competências que abrangem todas as dimensões do ser humano”.

Ainda observa as aproximações entre os Exercícios Espirituais e o ensino por investigação:

Neste sentido o professor deverá considerar o contexto de seu aluno em todos seus âmbitos: social, emocional, político, cognitivo, histórico, etc. Enquanto questiona-se sobre seus métodos de trabalho para desenvolver o conteúdo de estudo, também mantém presente quem são seus alunos e como pode influenciar e motivar individualmente cada um, mostrando que pelos seus esforços poderão avançar nas compreensões. (FLORES, 2015, p. 5).

É gratificante, ao realizar um trabalho como este, ter o entendimento de que aquilo que trazemos como nossa marca é respeitado e mencionado em nossos relatórios, teses e publicações.

Vale salientar que esforços realizados em prol da educação têm sido vistos e apontados por diversos autores assim como muitos outros religiosos ou leigos que, de modo muito especial, também influenciaram e continuam influenciando positivamente a educação de suas escolas e com ideais muito próximos deste que trago e que é a razão de meus estudos: a educação integral de nossos alunos. Creio que isso só reforça a ideia de unidade, de partilha e de busca daquilo que percebemos como essencial no ser humano contemporâneo: um ser comprometido com o seu contexto, consciente de seu protagonismo, compassivo com os demais e competente para lidar com as demandas da sociedade.

No final do ano de 2017, um importante projeto foi desenvolvido com alunos do 4º Ano do Colégio Anchieta. A campanha *La Silla Roja*, ou A Cadeira Vermelha, foi trabalhada com os alunos a fim de que eles pudessem refletir sobre o acesso à educação, um problema que atinge 61 milhões de crianças de 6 a 11 anos, que hoje estão fora da sala de aula. A iniciativa partiu da plataforma Educate Magis, da ONG jesuíta Entreculturas, do Friends Of Fé y Alegria dos Estados Unidos e do Edujesuit,

que iniciaram, em 2012, um movimento global para defender o direito de crianças e adolescentes a frequentarem a escola.

Diante desse contexto, os anchietanos refletiram sobre os direitos da criança, discutiram ideias que pudessem mudar essa realidade e pintaram cadeiras de vermelho, que posteriormente foram colocadas nas salas de aula como um alerta para esse problema.

Esse foi um dos muitos exemplos de atividades que são desenvolvidas no Colégio Anchieta. Trago aqui como referência daquilo que é a aproximação da teoria com a prática. Ações como essas iluminam nossa caminhada e nos mostram a direção a seguir porque, com certeza, elevam o que fazemos e aprimoram o olhar de nossos educandos.

4.3. O PAPEL E A MISSÃO DO EDUCADOR

Para que a educação integral se dê de forma eficiente, precisamos dos profissionais que conduzem as experiências dos alunos de forma que as reflexões e ações possam verdadeiramente efetivar-se, como traz o Paradigma Pedagógico Inaciano. Nesse processo, o profissional da educação tem papel relevante e fundamental. Para tanto, se faz necessário que em sua formação permanente também ele possa perceber a importância do paradigma inaciano que sugere Experiência – Reflexão – Ação – Reflexão.

De acordo com Klein:

Em sua formação permanente o professor é aquele que está sempre indagando as ressonâncias, as implicações, o proveito do seu empenho formativo para a própria vida e a dos seus alunos. Numa educação baseada em valores não basta oferecer ao professor o domínio teórico de determinados temas. Impõem-se outras perguntas: Quem sairá ganhando com a sua capacitação? Que valores surgirão ou sairão fortalecidos na sua vida pessoal e profissional por força da sua capacitação? Na ação, o professor entende que a experiência precedida pela contextualização e unida à reflexão transformará sua maneira de ver, sentir e atuar. Uma vez isto aprendido, terá capacidade de transmitir valor igual àqueles a quem media o conhecimento, os seus alunos. (KLEIN, 1997, p. 9).

No documento *Características da Pedagogia Inaciana*, temos a indicação do duplo papel do professor, mencionada pela *Ratio Studiorum*: “o de orientador de vida

dos alunos na busca da verdade e dos valores da vida (p. 14, 26, 27, 30, 56) e o de orientador acadêmico (p. 26)” num ideal de responsabilidade sobre seus alunos onde “procura conhecer seu contexto e seu mundo, as causas dos seus sentimentos e problemas.” (p. 35, 38, 44, 64, 106, 107).

Passados mais de 20 anos da minha jornada como professora, pergunto-me se nasci com uma predisposição para fazer a diferença na vida de meus alunos. Essa afirmação nada tem de vaidosa, creio que sempre tive extremo senso de responsabilidade e, com isso, adotei como princípio deixar minha marca. Sempre foi, para mim, uma obrigação profissional ser e fazer a diferença na vida daqueles que cruzaram, e ainda cruzam, o meu caminho na missão de educar. Uma amiga e colega vive afirmando que, na verdade, gostamos mesmo é de gente. E eu acredito nisso.

O magistério, apesar de tudo que se tem visto, é uma profissão de amor, de cumplicidade, de aceitação do outro como ele é. Encanta-me passar pelos corredores do Colégio e ver, vez ou outra, os professores conversando com seus alunos, explicando o “porquê” das coisas, ajudando-os a administrar suas frustrações e permitindo que suas ideias sejam expostas, dando-lhes o direito do argumento. E, com paciência e maestria, esses profissionais ajudam seus alunos a entenderem racionalmente aquilo que para eles ainda é um universo a ser explorado.

Todas essas experiências vividas por mim como professora e, mais recentemente, como orientadora pedagógica, são encantadoras. E como diz Tardif:

Os professores não buscam somente realizar objetivos; eles atuam, também, sobre um objeto. O objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo. (TARDIF, 2014, p. 128).

Em minhas pesquisas sobre a educação na contemporaneidade, tenho percebido que muitos autores como Edgar Morin e Philippe Perrenoud, citados neste trabalho, vêm questionando o modelo de ensino praticado nas escolas da atualidade. Preocupam-se com a forma que as instituições concebem a educação, o que está sendo ensinado, como está sendo ensinado e o que de fundamental e útil

os resultados dessa aprendizagem poderão trazer para as questões que afligem a sociedade. Nesse sentido, a Pedagogia Inaciana, traduzida para os anseios da contemporaneidade, revela-se atualizada, engajada com esse pensamento de “reforma” educacional e pronta para colocar-se em prática de forma intencional dentro das escolas, sugerindo ainda que “revisar os processos é voltar a fixar a atenção e focalizar o pensamento nos próprios processos em que se está envolvido”. (SUBSÍDIOS PARA A PEDAGOGIA INACIANA, 1997, p. 27).

A formação de educadores, com o olhar para as necessidades de seus educandos, precisa mais do que nunca ser aprimorada. Em uma cultura de diversidade social, racial e cultural, há muito que se entender e adequar aos novos anseios da humanidade. As mudanças são necessárias tanto nas metodologias e concepções de ensino quanto nas relações interpessoais. Somos sujeitos em permanente transformação e isso deve significar ampliar nossos horizontes e melhorar nossa capacidade de entendimento sobre o mundo em que vivemos e que devemos cuidar e proteger em todas as suas dimensões.

De acordo com Pacheco, mencionando Charlot:

Para que tal se verifique, é fundamental não só que o currículo valorize um conhecimento que é produzido em contextos diferenciados, respondendo a situações específicas e preparando os alunos para situações complexas que requerem a discussão acerca do modo como os referenciais universais são produzidos na seleção, organização e transformação do conhecimento, mas também que se produza uma mudança substantiva em quem representa a autoridade do conhecimento, pois os professores são "exageradamente professores de respostas e pouco professores de questionamentos". (CHARLOT apud PACHECO, 2015, p. 74).

Portanto, a formação de educadores precisa contemplar todo esse universo multifacetado que é a contemporaneidade com vistas a entender esse novo sujeito que é o nosso aluno, o contexto no qual ele está inserido, o momento histórico do qual ele faz parte e, a partir disso, através da organização curricular, abrir espaços de escuta a fim de ajudá-lo a desenvolver suas habilidades no entendimento de que ele é corresponsável pela sociedade e sua colaboração é valiosa para a humanidade.

Enquanto professores, precisamos ter consciência de que nosso exemplo vivo pode representar um desafio para que nossos alunos cresçam como “homens e

mulheres para os demais” e que se sobressaíam por demonstrar condutas de integridade, compaixão e entendimento sobre os problemas sociais. A sensibilidade do educador no Colégio Anchieta precisa estar de fato nas suas atitudes diante do aluno, no pleno entendimento de que sua intenção e intervenção podem encaminhar de forma plena e segura os educandos que estão sob sua responsabilidade. Ramal nos traz:

Caro companheiro, percebes como é importante o teu papel? Em tuas mãos tens muito mais que nomes de uma lista de chamada. São pessoas que se entregam a ti, com horizontes abertos e com os anseios ainda brotando em seu coração [...] Podes estimulá-lo a lutar por grandes coisas, como podes ensiná-lo a repetir a mesmice do cotidiano, a se conformar com as desigualdades e com a injustiça, a tolerar as coisas que “sempre foram assim”. (RAMAL, 2002, p. 38).

Verdade, fé e justiça são, de acordo com a Pedagogia Inaciana, requisitos indispensáveis à formação do professor para que esse atinja a excelência humana tanto quanto ou mais do que a excelência acadêmica.

Em outro trecho, Ramal nos traz:

Querido companheiro, escrevo-te porque estou convencido de que o campo educacional [...] é uma desafiadora missão [...] Espalham-se velozmente pelo mundo ideologias que provocam desigualdades e injustiças, fomentam o individualismo, a ganância, a corrupção. [...] É verdade que a educação, sozinha, não pode mudar toda a realidade social, mas nenhuma grande transformação poderá ocorrer sem que nela esteja implicada uma tarefa educativa. E é para isso que te chamo: para uma grande transformação. Prepara-te: o que te peço é um movimento gigantesco de ruptura e crise que exigirá de ti não apenas as tuas forças, mas envolverá tuas crenças e teus princípios, porque deverás questionar-se ao educar hoje, não sobre os conteúdos que precisas ensinar, mas sobre o mundo que pretendes ajudar a construir com tua ação. Para isso, antes será necessário que definas que mestre desejas ser e quanto de ti estás disposto a colocar neste empreendimento. (RAMAL, 2002, p. 38).

Os conceitos apresentados por Ramal reforçam a responsabilidade assumida pelo educador inaciano diante dos alunos que estão sob sua responsabilidade e nos quais se pretende fomentar ideias que promovam transformações sociais, que buscam a justiça e a fraternidade.

5 METODOLOGIA

Todo trabalho de pesquisa nasce do desejo de conhecer mais a fundo algo que nos inquieta. Pode ser um fenômeno físico ou um fenômeno social. Pode ser o comportamento de uma determinada espécie ou a quase certeza de uma teoria. Isso faz da pesquisa muito mais do que uma análise profunda de dados, um reviver, um revigorar, um desacomodar, validando o que já se sabe, mas também somando ao que se acredita. É bonito querer saber mais, e isso é uma característica humana por excelência e pode acontecer até mesmo sem a escolarização, os autodidatas estão aí para nos dizer isso. Todos, afinal, pensam sobre tudo. Alguns desses pensamentos e questionamentos acerca da vida impulsionam descobertas, abrem debates e viram teorias. Como nos traz Gil:

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz. (GIL, 2002, p. 17).

Este trabalho nasceu de uma intenção: a de compreender como se dá a educação na perspectiva da Pedagogia Inaciana, quem são seus principais inspiradores, como vem se desenvolvendo no século XXI e que correspondência há entre essa educação e a visão dos teóricos da contemporaneidade. Em suma, exercito aqui a minha percepção de profissional da Rede Jesuíta de Educação e transformo minhas indagações em certezas pautadas nos teóricos que me precederam, assim como em autores renomados que, para meu contentamento, sustentam as práticas desenvolvidas nos colégios jesuítas.

Ao iniciar concretamente a realização deste trabalho, tive muito menos dificuldade do que imaginei inicialmente. Isso se explica porque, como nos diz Gil:

Primeiramente, deve-se considerar que a escolha de um tema deve estar relacionada tanto quanto for possível com o interesse do estudante. [...] Não basta, no entanto, o interesse pelo assunto. É necessário também dispor de bons conhecimentos na área de estudo para que as etapas posteriores possam ser adequadamente desenvolvidas. (GIL, 2002, p. 60).

Um bom conhecimento da área que decidi pesquisar vem da própria prática que adquiri ao longo de 14 anos na Rede Jesuíta. Devo dizer que a prática direcionou de forma mais pontual o meu objeto de pesquisa e ajudou muito a selecionar o material que eu deveria ler e citar neste trabalho. Gil explica essa organização:

A leitura seletiva é de natureza crítica, porém deve ser desenvolvida com bastante objetividade. [...] Em termos práticos, pode-se estabelecer que uma leitura analítica adequada passa pelos seguintes momentos: leitura integral da obra ou texto, identificação das ideias-chaves, hierarquização das ideias e sintetização das ideias. (GIL, 2002, p. 78).

Assim, este estudo foi realizado a partir de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, com base em bibliografia específica, em artigos que tratam da missão da Companhia de Jesus, em teóricos que falam a respeito da contemporaneidade e, atrelado a isso, à minha própria percepção enquanto educadora inaciana. Busquei sintetizar aquilo que penso ser a prática dos educadores para uma nova era. Uma era onde precisamos com urgência ressignificar o valor das relações do homem entre si e com o meio ambiente. Para além do ressignificado, o compromisso da reconciliação humana com o meio ambiente do qual fazemos parte e para qual devemos unir esforços para realizar as transformações tão necessárias para a permanência da vida na Terra. Uma vida digna e saudável para todos.

Para tanto, tive que fazer escolhas e acabei por selecionar autores como Edgar Morin e Philippe Perrenoud, em um enfoque mais “filosófico” daquilo que sustenta a nossa prática humana, assim como Tardif, em uma visão mais organizacional, e Klein, por seu profundo conhecimento da Companhia de Jesus. Outros autores também foram apontados, porém com menos ênfase.

Devo dizer que me sinto profundamente realizada com esta pesquisa e com a organização de minhas ideias neste trabalho. Apesar de já estar findando estas linhas, de forma alguma o considero pronto. Percebo que abri um caminho importante de pesquisa, só o início daquilo que entendo ser a minha missão como educadora e como profissional da Companhia de Jesus. Em muitos momentos desta pesquisa, tive que buscar citações que, de forma clara, pudessem ir ao encontro do

trabalho que é desenvolvido nos colégios da Rede e ao encontro das minhas crenças.

Também foi meu desejo realizar uma pesquisa que pudesse aliviar meu coração das inquietudes que me afligem. Se ainda, na minha prática, percebo que precisamos melhorar a educação, entendo que nos melhorando enquanto seres humanos, podemos nos sentir mais vivos do que nunca na missão de educar.

No percurso desta pesquisa, parei inúmeras vezes nas leituras para reler, reler e entender, reler e fazer intensas reflexões. Emocionei-me com o que li e com o que escrevi. E se é verdade que não há neutralidade em nossas palavras, pois bem, este é um trabalho que mostra isso, pois foi escrito há muitas mãos e homenageio cada um dos autores que cito aqui porque me inspiram e me fortalecem a continuar insistindo nos ideais que acredito.

6 CONCLUSÕES

Ao concluir este trabalho, trago mais uma citação do PEC:

Que Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, e São José de Anchieta, padroeiro da Província Jesuíta do Brasil, intercedam junto a Deus por nossas comunidades educativas, para que, por meio de uma educação de excelência, formemos cidadãos globais, líderes no serviço, academicamente competentes e eticamente responsáveis, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e inclusiva. Que Deus nos ilumine e abençoe no caminho que ora iniciamos! (PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL, 2016, p. 18).

Lendo a citação acima, a sensação que me invade é de uma longa e promissora jornada para aqueles que como eu estão envolvidos com o Colégio Anchieta. É como se o trabalho pronto aqui fosse apenas a introdução de uma enormidade de reflexões ansiosas por acontecerem e de muitas ações para serem concretizadas. E fico aqui já ensaiando outras narrativas, citando outros autores e vislumbrando novas perspectivas. Que bom! É assim que deve ser o encerramento de um trabalho, um trampolim para outro.

No início da pesquisa, três objetivos iluminaram a estrada que eu deveria percorrer: compreender o sentido da Pedagogia Inaciana; significar o conceito de Educação Integral; e estabelecer a relação possível entre a Educação Integral, a Pedagogia Inaciana e os 4 C's.

Nas leituras realizadas, não faltaram citações que pudessem ilustrar o pensamento e o fio condutor deste trabalho de conclusão.

Ao longo deste, apesar de fazer menção à Pedagogia Jesuíta, pontuei que muitos leigos ou mesmo outras congregações religiosas também buscaram e ainda buscam a educação como agente de transformação para a melhoria das condições das pessoas em nosso planeta. Assim, podemos entender que todos nós, bem-intencionados na missão de educar, somos pontes no momento em que cumprimos a mesma função: proporcionar travessias àqueles que nos buscam. Há muitos caminhos diferentes, sabemos disso, e é essa diversidade que nos complementa, nos oportuniza as trocas e nos permite evoluir.

Nesse sentido, o meu primeiro objetivo parece muito claro quando entendo que temos e devemos ter liberdade para sermos quem somos e lutar por nossas crenças. E se reafirmo aqui a frase “homens e mulheres para os demais” tenho o entendimento de que a Pedagogia Inaciana me incentiva ao autoconhecimento para que as minhas próprias potencialidades possam ser desenvolvidas. Dessa forma, na liberdade de ser quem eu sou, poderei ajudar outros a descobrirem-se também como sujeitos.

Pelo muito que li, descobri que os jesuítas sempre foram homens à frente de seu tempo, reconhecidos pela maneira de lidar com as situações. Santo Inácio tinha a clareza de que cada indivíduo poderia encontrar o caminho que encaixasse melhor ao servir a Deus.

E a Pedagogia Inaciana na contemporaneidade? De acordo com os meus estudos, mantém-se atualizada porque sempre pregou os passos essenciais para o aprendizado da pessoa, contemplando o contexto, experiência, a reflexão, a ação e a avaliação com a finalidade de formar a consciência humana para os desafios de seu tempo. Cada época tem suas exigências e os passos da Pedagogia Inaciana se mantêm atualizados porque colocam o homem sempre como agente de transformação.

Como educadora da Rede Jesuíta e observando tudo quanto já foi dito e experienciado por mim na Companhia, coloco-me, neste trabalho, como modelo de inspiração para outros que, como eu, buscam a melhor maneira de ser útil às pessoas no exercício do magistério. Para além da formação acadêmica, o educador inaciano precisa, antes de mais nada, ser: ser atento às necessidades de seus alunos, ser parceiro nas conquistas deles, ser presente também nas angústias, ser um pesquisador, ser um bom mediador de conflitos, enfim, ser exemplo vivo de pessoa que, com clareza e discernimento, busca desenvolver suas competências de modo compassivo, comprometido e consciente.

Para finalizar, ninguém melhor e mais apaixonado pela educação do que Rubem Alves. É imprescindível quando ele diz que:

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono

pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2001).

Com o pensamento de Rubem Alves, encerro este trabalho com a certeza do dever cumprido e, mais que isto, de que estou caminhando sobre o terreno fértil da renovação.

O estudo não há de nos servir para outra coisa se não for para nos trazer mais felicidade e significado à vida, se não for para nos melhorarmos como pessoas, se não for para melhorar os nossos olhos, a nossa visão, como diria Rubem Alves. Então eu apuro a visão de tudo quanto aprendi ao longo desta jornada e chego à conclusão de que o curso oferta generosamente uma trilha e seu percurso pode ter muitos caminhos, muitos atalhos, muitos obstáculos, mas todos eles levam ao mesmo destino: permitir que as pessoas façam suas experiências e alcancem seu MAGIS. Mais do que isso, que auxiliem outros a alcançá-lo também.

Lembro então de que Inácio de Loyola não andou só. Muitos companheiros o ajudaram e foram ajudados por ele. Ele não teve certeza sempre, mas o que nunca lhe faltou foi coragem... coragem e ousadia. Que não nos falte nem uma, nem outra. E que sigamos parceiros, desejosos de mudanças, sedentos pelas melhorias e animados como só os bons jesuítas sabem ser. O caminho da educação nunca foi e nunca será um caminho pronto, vai se formando ao andar. Este ensinamento é o que levarei na estrada que escolhi trilhar.

REFERÊNCIAS

ALUNOS do 4º Ano participam de campanha global A Cadeira Vermelha. **Site Colégio Anchieta**, Porto Alegre 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/LqZrwg>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

ALVES, Rubem. **Gaiolas e asas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 dez. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>>.

COLÉGIO DOS JESUÍTAS. Paradigma Pedagógico Inaciano. Disponível em: <<http://colegiodosjesuitas.com.br/proposta-pedagogica/>>.

COMISSÃO INTERNACIONAL PARA O APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 1989. (Coleção Documenta).

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório da Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez editora, 1996.

FERRARI, Pedro. Ratio Studiorum. FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952. Resenha. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/21/res6_21.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IVERN, Francisco. S.J. 2002.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Loyola, 2017.

_____. **A formação do professor à luz da pedagogia inaciana**. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **A proposta pedagógica está clara. E a mudança?** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **La Pedagogía Ignaciana: su origen espiritual y su configuración personalizada**. In: 2º Encuentro de Directores Académicos de los Colegios Jesuitas de América Latina. Quito. 2014. Disponível em: <<http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/09/PedIgnacOrigenyConfig18set14.pdf>>.

_____. **Restauração:** da Companhia de Jesus e da pedagogia jesuíta. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Atualidade da pedagogia Jesuítica.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. **Slide Formação integral do aluno.** 2017

MARTIN, James. **A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo:** espiritualidade para a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

MCVERRY, Peter. S.J. La persona compasiva. In: Seminario Internacional sobre Pedagogia y Espiritualidad Ignacianas. Março, 2014. Disponível em: <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1631>>.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.** 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. Processos cognitivos como elementos fundamentais para uma educação crítica. **Ciências & Cognição**, v. 14, 31 de março de 2009. Disponível em:

NEGRÃO, Ana Maria Melo. Revista Brasileira de Educação, n. 14, Rio de Janeiro, mai./ago. 2000. FRANCA S.J., Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952. Resenha. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200010>.

NÓVOA, António. **Pedagogia:** a Terceira Margem do Rio. Instituto de Estudos Avançados da cidade de São Paulo: Porto Editora, 1991.

PEDAGOGIA INACIANA: uma proposta prática. Tradução de: Mauricio Ruffier, SJ, n. 12, São Paulo: Edições Loyola, 1993. (Coleção Documenta SJ).

PERRENOUD, Philippe. **Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes?** A escola que prepara para a vida. Porto Alegre: Penso, 2013.

PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL. **Projeto Educativo Comum.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.

RAMAL, Andrea Cecília. **Carta de Santo Inácio de Loyola a um Educador de Hoje.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SUBSÍDIOS PARA A PEDAGOGIA INACIANA. Edições Loyola, 1997, p. 27. (Coleção Ignatiana).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.